

## Introdução

O termo alemão *Angst*, segundo Hanns (1996), literalmente significa medo e abrange desde uma conotação de “receio” e “temor” até os sentidos de “pânico” e “pavor”, aproximando-se menos de “ansiedade” ou “angústia”. É regularmente traduzido para o Português como ansiedade, seguindo a tradução inglesa (*anxiety*), ou ainda como angústia, a partir da palavra francesa *angoisse*. Neste trabalho o termo ansiedade é visto nas referências e nas citações, respeitando a tradução da edição utilizada (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud – E.S.B.). “Angústia”, termo consagrado pelo uso em Psicanálise, no entanto, é preferencialmente empregado no curso de todo o texto exceto naquelas circunstâncias. Em “ansiedade” a ênfase recai sobre o aspecto de expectativa, seja sofrida, alegre ou inquieta, enquanto “angústia” designa uma aflição intensa, inquietação, sofrimento e também sensação de agonia, sufocamento (Hanns, 1996).

Apesar de “angústia” e “ansiedade” destoarem do significado original de *Angst*, estas traduções foram consolidadas pelo jargão psiquiátrico tradicional. Hoje, com os manuais médicos de classificação, os quadros patológicos, categorizados em sistemas descritivos, são definidos com o máximo esforço de evitar influências teóricas e da nomenclatura e tradições locais. O termo eleito nesses manuais é “ansiedade”.

As recentes apresentações do sofrimento psíquico têm mostrado estes estados afetivos do registro do angustiante como principal forma de manifestação. Porém, ao contrário do que se oferecia à Psicanálise clássica – como os sintomas histéricos e fóbicos, mais dóceis à interpretação e à *talking cure* –, os sintomas atuais impõem limites mais claros a esse dispositivo.

Se o sintoma fóbico conta com um trabalho psíquico no sentido de novamente ligar a angústia, transformando-a num medo analisável e que permite ao sujeito esquivar-se da angústia por um mapeamento de evitações na realidade, o pânico, como manifestação pura de um excesso sobre o corpo, mostra-se completamente incompreensível e avesso a qualquer tentativa de interpretação. A saída da Psicopatologia atual é buscar a disfunção cerebral responsável por isso

que seria uma resposta desmedida a estímulos mínimos ou inexistentes. A essa explicação das neurociências para a desadaptação dessas crises de angústia de nossos tempos, acreditamos poder responder com a proposição de um objeto para o pânico. Para tal nos serviremos do conceito lacaniano de objeto *a*.

Nosso objetivo é delinear, em primeiro lugar, uma aproximação entre angústia e excesso perpassando os modelos de funcionamento do aparelho psíquico propostos por Freud e as coordenadas sobre este afeto no ensino de Lacan. Acreditamos que este caráter excessivo se apresente dos primeiros aos últimos escritos de Freud sobre a angústia de modos diversos. Pretendemos nos orientar, neste percurso, pela leitura de Jacques Lacan que não só privilegiou o aspecto pulsional da angústia, aproximando-a do que chamou de gozo, mas também elaborou para este afeto um objeto que concerne a essa dimensão real que a angústia parece testemunhar. O termo gozo adquire no ensino de Lacan algumas acepções que não mencionaremos aqui. Para este trabalho consideraremos que gozo é a formulação lacaniana do além do princípio do prazer.

Este trajeto pode nos fornecer uma fundamentação para a abordagem das crises de pânico como um caso especial do campo do angustiante. Parece-nos possível uma articulação entre essa categoria psicopatológica com a angústia da Psicanálise, na medida em que vemos, neste quadro contemporâneo, também o excesso e a indefinição que lançam o sujeito acometido às raias do desespero e do desamparo. Neste sentido, apostamos mais nas semelhanças que nas diferenças entre pânico e angústia.

No primeiro capítulo, examinaremos as articulações entre angústia e recalque, tão presentes na primeira teoria articulada na vigésima quinta das “Conferências Introdutórias” (Freud, 1916-17). Buscaremos, neste sentido, destacar desde já indicações acerca de uma origem da angústia que ultrapasse a referência ao mecanismo do recalque.

Posto que a angústia é um afeto, iniciaremos com uma breve revisão deste tema na obra de Freud. Pretendemos, com isso, estabelecer um ponto em comum entre as tantas apresentações que este tema teve desde os textos pré-psicanalíticos até as últimas considerações sobre a angústia. O lugar que o afeto mantinha no arcabouço teórico freudiano também sofreu profundas alterações. Do lugar privilegiado nos primeiros escritos ao ostracismo após a metapsicologia, vemos

neste caminho a angústia destacar-se como afeto por excelência e monopolizar as discussões sobre o afeto.

Num primeiro momento, antes mesmo da formulação do recalque, ainda muito comprometido com a Neurologia de sua época, Freud (1950a e 1895) estabelece as bases da teoria da angústia em termos psicofisiológicos na forma de um transbordamento de energia sexual somática sem representação.

Posteriormente, a consolidação da teoria do recalque captura a angústia neste modelo metapsicológico: onde o processo do recalque mantinha uma posição de destaque, e a angústia era tomada como seu resultado. Como forma de conduzir o debate por um viés mais clínico, discutiremos a primeira análise do caso Hans (Freud, 1909), célebre caso em que Freud situa, na clínica, tudo o que havia elaborado acerca da sexualidade infantil nos “Três ensaios para a teoria da sexualidade” (1905). O que enfatizaremos neste trabalho é o que de valioso esse caso oferece para a teoria da angústia. Na primeira análise, publicada em 1909, Freud desmembra cada elemento da fobia de cavalos que o menino desenvolve para mostrar que a angústia foi produzida a partir do recalque das pulsões ligadas ao complexo de Édipo.

Contudo, manifestações de angústia avessas a essa concepção insistiam, mantendo-se fora da alçada da Psicanálise. Nada era possível fazer, no campo da interpretação analítica, com uma energia indefinida que, aparentemente, transbordava direto do corpo, sem advir de uma reminiscência ou material inconsciente recalcado. Este aspecto, no entanto, pôde ser retomado em “Inibições, sintomas e ansiedade” (1926) à luz da revisão da noção de trauma introduzida em “Além do princípio do prazer” (1920).

No segundo capítulo, veremos que, com a primeira teoria da angústia, ainda não havia meios de se descartar a explicação somática para a origem deste afeto. Esta permaneceu relativamente negligenciada, orbitando a nova teoria referida ao recalque, mas sempre insistindo em indicar que algo da angústia estava além da referência do recalque e das representações. Tal dimensão, que não coube na metapsicologia, Freud a retomará com a hipótese do além do princípio do prazer, conferindo à angústia um novo lugar, não mais somático ou fora do psíquico, mas pulsional. Neste novo paradigma, a angústia passa a ter como objeto a situação de perigo. Diante disso, ela é o sinal que põe em movimento o

recalque. Mais que promover uma inversão da relação entre angústia e recalque, o perigo assumirá uma posição central em 1926, e, junto com a revisão do estatuto do trauma, será a possibilidade de entrada, na teoria psicanalítica sobre a angústia, daquele excesso introduzido por Freud desde seus primeiros escritos. O perigo é descrito, neste ponto, como uma situação reconhecida de desamparo. Retomaremos o caso Hans, à luz das revisões propostas por Freud para sua análise. Neste contexto, Freud assevera que a ameaça de castração foi a responsável pelo recalque das moções pulsionais ligadas ao complexo de Édipo. A fobia viria a circunscrever a angústia produzida desta forma.

No terceiro capítulo, discutiremos como este excesso, que Freud identificou à situação de perigo, é formulado por Lacan como um objeto. Ele recolhe, em Freud, as bases para a construção do conceito de objeto *a*. Nas origens do aparelho psíquico será possível delimitar a função estrutural de uma porção de real excluída na operação de constituição do sujeito. A experiência de satisfação, proposta por Freud como o momento mítico em que se experimenta uma plena satisfação com um objeto totalmente complementar, ela é primeira e última. É um momento de gozo estabelecido retroativamente como explicação para a eterna, e sempre frustrada busca pelo objeto. Outra referência usada por Lacan no caminho de construção deste objeto é *das Ding*, a *Coisa* freudiana, fração estranha e irrepresentável dos objetos, furo vazio de significação em torno do qual gravitam os atributos. A busca do desejo, móbil da vida psíquica, só se inicia, portanto, por essa perda inaugural de um objeto estranho. Estranho e inacessível, por ser derivado de uma parte de si de que é preciso abrir mão desde o início. Como Freud (1925a) afirma, é preciso que este objeto tenha sido perdido. Veremos como esse descarte fundamental determina a realidade a que temos acesso e dá origem a um resto real, formulado por Lacan na forma do objeto *a*.

No quarto capítulo, encontraremos este objeto operando como objeto da angústia. Lacan o situa de diversas maneiras para mostrar que a angústia está além do recalque e da castração, constituindo-se como a falta da falta. O objeto *a* ora aparece como peça que não encaixa no nível da imagem, ora como resto que não se inscreve no simbólico. De um modo ou de outro, ele perturba com sua presença desestruturante. Veremos ainda, como este afeto é localizado por Lacan (1962-1963) num ponto médio entre o gozo e o desejo, num ponto de torção entre um

sujeito de gozo, mítico, e um sujeito barrado, sujeito do desejo. Todo esse referencial teórico será usado na discussão de um conto da literatura fantástica, “O homem da areia” (1816), de E. T. A. Hoffmann, onde acreditamos encontrar elementos em comum com as crises de angústia verificadas no pânico. Com a análise deste conto, pretendemos mostrar o real da angústia se presentificando com a aparição do objeto e a irrupção do gozo.